

SBAT  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-  
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO  
SUJEITAS À NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

" OS CATIVOS " (Captivi)

AUTOR: PLAUTO

PERSONAGENS: HEGIÃO, nobre ancião de Etólia  
FILOPÓLEMO, filho mais velho  
TÍNDARO, filho mais novo de Hegião e escravo de Filócrates  
FILOCRATES, jovem aristocrata de Élis  
ERGÁSILLO, parvalta  
ARISTOFONTES, amigo de Filócrates  
ESTALAGMO, escravo fugitivo de Hegião  
VERDUGO, capataz de escravos de Hegião  
ESCRAVOS

A AÇÃO PASSA-SE EM CALIDON, NA ETÓLIA.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PRÓLOGO

O CHEFE DOS COMEDIANTES - (mostrando Tíndaro e Filócrates, encorrentados, diante de casa de Hegião) -  
 Esses dois cativos, que os senhores v<sup>em</sup> de pé, esses que estão ali de pé estão ambos de pé e não sentados. Os senhores são testemunhas que fala verdade. Hegião, o velho que mora aí é pai deste (indica Tíndaro); Mas a tragédia do que está ele servindo como escravo em casa de seu pai? A razão ou lhes direi aqui no prólogo, se me derem atenção.

O velho Hegião é pai de dois filhos; um escravo roubou um delas, quando menino de quatro anos, e, fugindo deste país, foi vendê-lo em Élis, ao pai d'esse outro (indica Filócrates). Os senhores compreenderem? Ótimo. Mas por Hércules - aquele lá de trás diz que não. Chague mais perto; se não há lugar onde sentar, há onde ir passear, já que querem obrigar um ator a pedir esmolas. Eu não me vou rebentar por sua causa, para que entenda.

Os outros que têm recursos para pagar impostos, escutam o resto da estória; não me interessa ficar-lhes deitando. Como ia dizendo, o escravo fugiu vendeu ao pai deste o sonharzinho que roubara ao fugir; O pai, depois de comprá-lo, fez dele presente ao filho, o título de pécúlio, por serem quisesse da mesma idade. Presentemente ele é escravo do pai, em sua própria casa e o pai não o sabe; de fato, nós, os homens, somos como joguetes nas mãos dos deuses. Os senhores já estão cientes de como Hegião perdeu um deles. Quando os Etólios entraram em guerra com os Eleus, o outro filho, como acontece na guerra, caiu prisioneiro. Menaxco, um médico, comprou-o, lá em Élis. Hegião, então, entregou-se ao tráfico de prisioneiros Eleus, na esperança de poder encontrar algum que pudesse permutar com o filho, que ro dizer, aquele cativo. Ele não sabe que é esse, o outro, que tem em casa. Ora, antes ele ouviu que fora capturado um cavaleiro Eleu da mais alta sociedade e de família a mais nobre; Não poupou dinheiro na ênfase de poupar o filho. Para lhe ser mais fácil repatriá-lo, comprou dos questores, dentre a pressa, esses dois. Eles, porém, combinaram entre si um artil, agitando o qual posse esse servo mandar daqui para casa o seu pai; trocaram de roupa e de nome; aquele chama-se Filócrates; este, Tíndaro; mas hoje este assume a personalidade daquele -



e aquele e deste. Este vai hoje habilmente dar endamento ao engano e fazer o seu amo desfrutar a liberdade; do mesmo passo, salvará o seu irmão, fazendo com que volte livre à pátria e aos braços do pai. Fê-lo-á sem o saber, exatamente como tantas vezes a gente pratica o bem em tantos lugares, mais por não saber do que por querer. Mas, sem o saberem, graças a seu próprio artifício, de tal modo executaram os planos combinados e de tal modo os conceberam, que, por sua própria escolha, este permaneceu escravo em casa do pai. E assim, hoje, é só pai que ele serve, mas não sabe disso.

Quando nisso reflito, quão pouco valem os míseros seres humanos! Esse é o drama que nós vamos representar e a comédia a que os senhores vão assistir. Tudo será para nós real, para vocês teatro. Mas desejaria ainda, em poucas palavras, fazer-lhes uma advertência: vale devesas a pena dar atenção a esta estória. Ele não foi composto sobre um tema reprisado, nem no estilo comum; não contém versos imundos, indignos de serem lembrados; não temos aqui nenhum proxeneta perjuro, nenhuma perversa meretriz, nem soldados farrameiros. Não precisam ficar com medo por ter eu falado de guerra entre Etólios e Eleus. Os combates se travarão lá fora, não em casa. Pois seria, a bem dizer, um absurdo, um crime, tentarmos, com uma companhia cômica, encenar de surpresa uma tragédia? Por tanto, se alguém se quer batalhas, que saia a provocar brigas; encontrar um adversário mais forte, eu garanto que assistirá um combate bem ruim e daí por diante sentirá aversão a todo espetáculo do gênero. Eu vou indo. Passem bem, senhores juizes, os mais justos na paz, e guerreiros, os mais bravos na guerra.

ATO I - Cena 1

ERGÁSILDO -

(Só) A rapaziada me pôs o apelido de Cocote, porque costume sentar a mesa deles, sem ser chamado. Dizem os censores que a alcunha é descabida; Eu assevero que não. Num jantar, quando um amante lança os dados, invoca o nome de sua Cocote; a Cocote, assim, é convidada, ou não? Sem a mínima dúvida. Mas, por minha vida, com muito mais verdade o somos nós, os parasitas, a quem ninguém jamais invoca nem convoca. Somos como os camundongos; comemos sempre comida alheia. Quando chegam as férias e o pessoal vai para o campo, entram em férias também os nossos dentes. Quando faz calor, os careujos -



matem-se nos seus esconderijos e vivem de seu próprio suco, senão cai orvalho; da mesma forma os parasitas, no tempo das férias, matam-se - coitados! - nos seus esconderijos, vivendo - de seu próprio suco, enquanto as pessoas que - eles costumam sugar campeam pelo campo. Nas férias os parasitas ficam esgalgados como cães de caça; com a volta ao trabalho eis-nos esmolosados, esferezados, esmolastados. E - caraba - nesta terra, se um parasita não sabe suportar bofetadas e panelas quebradas na cabeça, resta-lhe o recurso de sair pela porta Trigésima, de esmolaira ao ombro. Existe algum perigo de que isso me venha a acontecer, desde quando o meu patrão caiu em poder do inimigo. Os Etólios estão presentemente em guerra com os Elaios. Ora, aqui é a Etólia e lá em Elis se encontra prisioneiro Filopólamo, filho de Hegião, - o velho morador aqui desta casa, tão lamentada por mim, que não posso olhar para ele sem chorar. Por amor do filho, ele ainda entrega a um tráfico desonroso e de todo repugnante ao seu caráter; anda comprando lotes de prisioneiros na esperança de encontrar alguém que possa pagar pelo filho. Como eu enseio por que assim aconteça? Se ele não o recobrar, onde me posso recobrar eu? Da rapaziada não há o que separar. São todos uns egoístas. Não essa aquela moço; aquela foi educado à antiga e nunca lhe desanyviu o rosto sem receber a paga. Seu digno pai cultivava os mesmos hábitos. Vou agora ter com ela. Mas estão abrindo a porta, por onde tantas vezes saí tão bem comido e tão bem bebido?

Cena 2

- HEGIÃO - (ao verdugo, entrando) Preste atenção, por favor; àquelles dois prisioneiros que comprei ontem ao queator, dentre o hutim, meta-lhas ca-deias individuais e tire-lhe asas maiores que os prendem juntos. Deixe-os andar, como quiserem, dentro ou fora, mas com grande cautela - para que sejam vigiados. Quando um homem livre cai prisioneiro, é como uma ave selvagem; baste dar-lhe ocasião de fugir que a gente nunca mais o spnha depois.
- VERDUGO - Todos nós preferimos ser livre a servir como - escravos.
- HEGIÃO - Você não parece ser assim.
- VERDUGO - Se, em pagamento de minha dívida, não tenho a que dar ao senhor, que que eu dê sabo nas cangalhas?
- HEGIÃO - Se você der, eu sei o que lhe dar imediatamente.
- VERDUGO - Vou fazer como a ave selvagem, de que o senhor falou.
- HEGIÃO - Boa comparação. Se o fizer, meto-o numa gaiola. Mas chega de conversa. Faça o que mandei e seja. Eu vou a casa de meu irmão, dar uma olhada nos meus outros cativos; vou ver se não fizeram na

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



nhuma turbulência esta noite. De lá volto em seguida para casa (encaminha-se para sair, enquanto o verdugo se aproxima de Filócrates e Tíndaro para trocar-lhes as cadeias, saindo com eles em seguida):

- ERGÁSILO - (à parte) Penaliza-me vê-lo nesta mister de carcereiro por causa da desgraça do filho, pobre - velho? Mas se existe um meio de recuperá-lo, - posso tolerar que Hegião vira até carresco.
- HEGIÃO - (detendo-se) Quem está falando?
- ERGÁSILO - (lamentoso) Sou eu, que amargura, com tua desgraça, sou eu, pobre de mim, que definho, que envelheço, que adoço! Estou um desgraçado, tão magro que não sou mais que pala e osso. Não me agrada nada dequilo que como em casa; só me dá algum prazer o que vou provando em casa dos outros.
- HEGIÃO - Bom dia, Ergásilo;
- ERGÁSILO - (choroso). Que os deuses lhe queiram bem.
- HEGIÃO - Não chore.
- ERGÁSILO - Que eu não chore? Não me hei de darreter em lágrimas por um mocinho daquelas?!
- HEGIÃO - (comovido) Sempre vi que era amigo de meu filho e sempre percebi que ele era seu amigo.
- ERGÁSILO - Não, os homens, acabamos por conhecer a nossa felicidade somente quando perdemos e que nos estava nas mãos. Eu, quando seu filho caiu em poder do inimigo compreendi quanto ele representa para mim e quanta saudades deixou.
- HEGIÃO - Se você, um estranho, sofre tanta com sua desditada, que dizer de mim, que sou o seu pai, sendo ele o único filho?
- ERGÁSILO - Estranho? Eu, um estranho a ele? Ah! senhor Hegião, nunca diga isso, nem dê guarida a tal pensamento! Se para o senhor ele é filho único, para mim é mais único do que um filho único.
- HEGIÃO - Louvo-o por considerar como desgraça sua, a desgraça do amigo. Agora, tenha coragem!
- ERGÁSILO - U! (afegendo o estômago) Esta aqui sente o licenciamento da companhia do rancho.
- HEGIÃO - Você ainda não encontrou ninguém que lhe possa comandar a companhia que você diz licenciada?
- ERGÁSILO - Acha possível? Toda gente foge a este posto, - depois da captura do seu Filopólemo, a quem fora confiado.
- HEGIÃO - Por Pólus? não é nada de admirar que eles fujam. Você precisa de soldados numerosos e de muitas especialidades. Primeiro precisa de pasteleiros, e de quantas espécies de pastéis! São os bolinhos, os de empedas, os de anchidos. Depois precisa ainda de soldados da marinha...
- ERGÁSILO - Quão amida se engolfam nas sombras os maiores talentos! Que grande comandante está aqui nestes trajes púanos!



HEGIÃO - Venha, coragem! Eu conto reconduzi-lo a casa - neste poucos dias. Sabe? Aí está um moço de elite, prisioneiro; é nascido de família grande e de grande fortuna. Espero poder permutá-lo com ele.

ERGÁSILO - Assim fazem os deuses e deusas. (noutro tom) Mas porque o senhor foi convidado a jantar fora alguma vez?

HEGIÃO - Que eu saiba, nenhuma. Mas por que o pergunta?

ERGÁSILO - Porque é dia de meu aniversário; por isso quis que me convidasse a jantar consigo.

HEGIÃO - (à parte) Sem sacada! (alto) Sim, com a condição de se satisfazer com pouco.

ERGÁSILO - Mas não demasiadamente pouco, porque com pouco costume regelar-me em casa. Venha lá, diga Ok; sim? Se ninguém oferecer melhores condições, que satisficam melhor a mim e (com palmeadinhas na pança) a meus amigos, eu me vendo ao senhor como se estivesse vendendo uma fazenda inteira e se adjudico com meus próprios termos.

HEGIÃO - Você me vende, mas é uma viagem horronda, não uma pequena fazenda. Mas se há de vir, não se atreva.

ERGÁSILO - Hum! Já estou à disposição.

HEGIÃO - Vá, sempre, e veja se aponta uma lebre; o que tem por enquanto é apenas um ouriço; minha dieta vai por veredas pedregosas.

ERGÁSILO - Com essa nunca me derrotará, Sr. Hegião; porca e esperança. Vou trazer ferraduras nos dentes.

HEGIÃO - Minha dieta é deveras grosseira.

ERGÁSILO - O senhor está comendo espinhos?

HEGIÃO - Minha ceia vem da terra...

ERGÁSILO - O porco é um bicho da terra.

HEGIÃO - ... com muita verdura.

ERGÁSILO - Pode, então, cuidar de dentes em casa. (seindo) Mas alguma coisa?

HEGIÃO - Não se atreva.

ERGÁSILO - Escusava recomendá-lo. (sai)

HEGIÃO - Vou entrar e dar um pequeno balanço para apurar o meu saldinho no banco. Logo depois vou à casa de meu irmão, como tinha dito. (sai)

ATO II - Cena 1

VERDUGO - Se os deuses imortais quiserem que vocês passem sem por estas tribulações, cumpre suportá-las com resignação; se assim fixerem, os fardos serão mais leves. Em sua terra, creio eu, vocês serão livres; se agora lhes toca a sina da servidão, é bom método adaptarem-se a ela; assim se estrengthenarão menos. Faça o bem o que fizer, devem aceitar como dignas as indignidades que cometerem.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CATIVOS - 0888888888
- VERDUGO - Não adiante protestar, e chorar faz mal <sup>aos</sup> ~~aos~~ o -  
lhos. Agora, na adversidade, o que ajuda é ter  
um coração valente.
- TÍNDARO - O que nos humilha são estas cadeias.
- VERDUGO - Mas se nosso amo pensaria depois, se, tendo-se -  
comprado a bom dinheiro, os deixasse soltos;
- TÍNDARO - O que recio de nós? Não sabemos o nosso dever,  
caso ele nos deixe soltos.
- VERDUGO - Sim, vocês estão planejando uma fuga; percebo o  
que estão tramando.
- TÍNDARO - Fugirmos nós? Para onde?
- VERDUGO - Para sua terra.
- TÍNDARO - Nem fale nisso! Que vergonha! Imitar escravos -  
fujões!
- VERDUGO - Vergonha? Por Pólux, se houver ocasião, não dei-  
xo de lhe aconselhar.
- TÍNDARO - Podemos pedir-lhe só uma coisa?
- VERDUGO - O que?
- TÍNDARO - Permissão de falar em sermos ouvidos.
- VERDUGO - Vê lá. Mas não comeces uma conversa longa.
- TÍNDARO - (à parte) Exatamente o que eu queria. (a Filócrates)  
vem cá.
- VERDUGO - (aos estivos) Afastem-se d'elas. (enf)
- FILÓCRATES - (a Tíndaro) Chegue-se agora para cá, por favor,  
para a e testemunhas não poderem captar o que -  
dizemos e não se propalarem por aí o nosso artifí-  
cio. (encomendam-se para o lado oposto da casa)  
Se não se usa de mentes, os ardies transpiram e,  
em vez de ardies, são um desastre enorme. Mesmo  
nós fingindo que você é meu amo e eu seu servo,  
ainda será preciso olho vivo, muita cautela, -  
para fazê-lo com sangue frio, sem testemunhas,  
com perfeição, habilidade e diligência. A surpre-  
sa começada é tão grande! Não é de se executar  
com sono.
- TÍNDARO - Serei o que o senhor quiser que eu seja.
- FILÓCRATES - Assim o espero.
- TÍNDARO - O senhor está vendo que 'e por sua afeição que  
estou arriscando a minha vida.
- FILÓCRATES - Sei perfeitamente isso.
- TÍNDARO - Mas lembre-se de sabê-lo quando alcançar o que  
deseja. Quase a maioria dos homens tem esse cogi-  
tume; enquanto não obtêm o que desejam, são bon-  
zinhos; mas apenas o têm nas mãos, de bono vi-  
ram péssimos e falsos a conta inteira.
- FILÓCRATES - Estou dizendo como quero que proceda a meu res-  
peito. Os conselhos que lhe der, eu os daria a  
meu pai.
- TÍNDARO - Estou ouvindo.



FILÓCRATES - Se eu lembro tantas vezes, é para que não o esqueça; eu não sou seu amo, e sim seu servo. Estou lhe pedindo unicamente isto; visto como os deuses imortais revelaram o desejo de que eu, outrora seu amo, seja agora seu camarada na sua vida, o que até há pouco eu lhe ordenava com o direito que me assistia, agora eu lhe peço, com uma súplica; pelas incertezas da sorte, pela bondade de meu pai para com você, e ainda pela condição comum de servos, que nos criou o braço inimigo, não me trate com menos respeito do que quando servia a mim, e cuide de não esquecer quem era e quem agora é.

TÍNDARO - Eu sei, sim, que agora eu sou o senhor e o senhor é eu.

FILÓCRATES - Sim e, se pode, não vá esquecê-lo um só momento, que nessa estúcia residem nossas esperanças.

Cena 2

HEGIÃO - (vindo de casa, diz para dentro) Não demoro a entrar de novo, assim que tenha obtido destas homens a informação que desejo. (Aos servos) Onde estão aqueles que eu mandei trazer aqui para diante de casa?

FILÓCRATES - Por Pólo! Note que o senhor tomou precauções para não termos de ser procurados; quantos liames e guardas nos cercas!

HEGIÃO - Quem se guarda de ser enganado, mal se guarda quando se guarda; não raro mesmo, quando pensa ter-se prevenido, o prevenido se deixa apanhar! Mas não é motivo justo para os guardar com cuidado, tê-los comprado por tão alto preço à vista?

FILÓCRATES - Certamente, e não temos razão de censurá-lo por guardar-nos, nem o senhor de nos censurar, se fugirmos daqui na primeira oportunidade.

HEGIÃO - Como vocês são vigiados aqui, lá em sua terra vigiam o meu filho?

FILÓCRATES - Prisioneiro?

HEGIÃO - Sim.

FILÓCRATES - Então não fomos nós os únicos poltrões.

HEGIÃO - (a Filócrates) Vem cá. Quero fazer-lhe umas perguntas em particular e não quero que me minta a respeito.

FILÓCRATES - Não mentirei sobre o que souber; quando não souber, direi que não sei.

TÍNDARO - (à parte) Lá entrou o velho na barbearia; o barbeiro já passou a mão na navalha; não quis nem mesmo por um avental para não sujar a roupa. Mas não sei se o vai tosar rente ou por cima do pente; mas se for perito, vai esfolá-lo como se deve.

HEGIÃO - Escute; que prefere? Ser escravo ou livre? Diga.



- FILÓCRATES - O que eu quero é estar mais perto da felicidade e mais longe do sofrimento. Contudo, a servidão não me tem sido penosa demais; não me têm tratado muito pior do que se fosse filho da família.
- TÍNDARO - (à parte) Formidável! Eu não daria um talento - por Tales de Mileto; perto da sapiência desta, ele não passava de um locoteiro. Com que finura passou Filócrates a falar linguagem de escravo!
- HEGIÃO - A que família pertence lá Filócrates?
- FILÓCRATES - À dos Poliplúscos, a mais poderosa e respeitada em Élia.
- HEGIÃO - E eis pessoalmente? Goza da estirpe na cidade?
- FILÓCRATES - A mais profunda, das cições mais eminentes.
- HEGIÃO - Então, pelo que diz, ele é assim banqueiro em Élia? É quento a fortuna? É grande?
- FILÓCRATES - Upa! O velho tem donde tirar gordura.
- HEGIÃO - Sim? O pai está vivo?
- FILÓCRATES - Quando partimos, deixamo-lo vivo; se continua vivo ou não, o Orco é quem deve saber, naturalmente.
- TÍNDARO - (à parte) O negócio vai bem; além de passapatas, é até filôsofo!
- HEGIÃO - Como se chama?
- FILÓCRATES - Tessurocrisonicoarísides.
- HEGIÃO - Segundo parece, esse nome como que lhe foi dado em atenção à fortuna?
- FILÓCRATES - Por Pólux! Em atenção à mesquinhez dessarada; o seu verdadeiro nome é Teodoromedes.
- HEGIÃO - O que me diz? O pai dela é tranca?
- FILÓCRATES - Tranca e socneca, puxa vida! Sabe o que mais? Quando sacrifica ao Gênio tutelar, ele usa nos ritos louça de Semos, de medo que o Gênio a roube. Por aí pode ver como ele é no resto.
- HEGIÃO - Acompanha-me, então, por aqui. Vou perguntar igualmente a este (indica Tíndaro) o que desejo saber. (à Tíndaro) Filócrates, este homem proceda como uma pessoa direita. Por ele fiquei sabendo de que família você é; ele me confessou. Se você o quer confessar igualmente, será em seu proveito. Fique; porém, sabendo que eu já me informei com eles.
- TÍNDARO - Ele cuspiu o dever, quando lhe confessou a verdade, embora eu me tenha empenhado em secundar-lhe minha nobreza, família e fortuna, Sr. Hegião. Agora que perdi a pátria e a liberdade, penso que ele tem mais razão de temer ao senhor do que a mim. O poderio inimigo igualou a minha condição à dela. Lembra-me de quando ele não ousava abrir a boca para ofender-me; agora pode até agredir-me. Mas, vá o senhor? O destino levanta ou derruba uma pessoa como quer. Eu

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP: 90020-025



era livre e ele me fez escravo; trouxe-me da escuridão para as profundezas. Estava habituado a mandar; hoje atendo as ordens de outrem. Natu-ralmente, se meu amo manda como eu em minha casa, não receio ordens injustas ou brutais. Uma coisa, sr. Hagião, eu quisera, com sua licença recomendar-lhe.

HEGIÃO - Fale sem constrangimento.

TINDARO - Eu era tão livre como o seu filho; e meu inimigo nos arrebatou a liberdade tanto a mim quanto a ele; é tão escravo ~~ele~~ em meu país quanto eu em sua casa. Existe, sem dúvida, uma dívida de que cuide e vá quanto fizermos; ele há de providenciar que ele tenha lá o mesmo tratamento que o senhor me dar aqui. O bem que se fizer será retribuído, na mesma medida; o mal também. A saudade que o senhor tem de seu filho, tem de mim o meu pai.

HEGIÃO - Isso eu sei; mas confesse o mesmo que esse homem me confessou?

TINDARO - Eu confesso que meu pai dispõe em casa de riquezas imensas e que nasci da família de prol. Suplico-lhe, porém, sr. Hagião, não seja minha fortuna motivo de crescer no senhor a ambição, e de meu pai, apesar de eu ser filho único, achar melhor negócio deixar-me servir nesta casa, alimentado e vestido pelo senhor, do que viver mendigando lá, onde o vexame seria enorme.

HEGIÃO - Eu, graças aos deuses e a meus avós, sou bastante rico; absolutamente não penso que todo ganho seja útil ao homem; sei que a ganância já levou muita gente à lama. Há mesmo ocasiões em que é melhor perder do que lucrar. Eu odeio o ouro, e que a tanta gente já induziu a tanto mau passo. Agora, preste atenção, para conhecer minhas intenções. Meu filho, prisioneiro, serve como escravo em Élis, a sua terra. Se você me restituir não precisará dar-me nem mais um vintém; eu o deixarei ir, juntamente com este homem. Você não sairá daqui em outros termos.

TINDARO - Nada melhor nem mais justo do que o seu pedido, e o senhor é o melhor dos homens. Mas ele é escravo em casa particular, ou do governo?

HEGIÃO - Em casa particular, do médico Menarco.

TINDARO - (à parte) Que sorte! Filócrates também é cliente de Menarco? (alto) O seu negócio desce a ladeira tão bem como a chuva quando cai.

HEGIÃO - Providencie para que o resgatam.

TINDARO - Fê-lo-ei, sr. Hagião; contudo peça-lhe uma coisa...

HEGIÃO - O que quiser, contanto que não em dano do meu propósito.

TINDARO - Escute e saberá. Eu não pretendo que se deixe ir antes de ele voltar aqui; peça-lhe que ponha este homem (indica Filócrates) à minha disposição, ajustando o seu preço; quero enviá-lo a meu pai, a fim de se providenciar lá o resgate de seu filho.



- HEGIÃO - Isso, não; eu preferiria, quando houvesse tréguas, mandar daqui um outro, que se entendesse com seu pai e se desincumbisse de suas instruções a meu contento.
- TÍNDARO - Mas não adianta enviar-lhe um desconhecido; será trabalho perdido. Mande Tíndaro; ele, mal chegado lá, levará a termo a transação. Não pode enviar-lhe servo mais fiel, em que ele acredite mais, ou mais de seu agrado - homem! - Nada tema; é com risco meu, que vou por a prova a sua fidelidade; eu conto com os seus sentimentos, porque ele sabe que lhe tenho estima.
- HEGIÃO - Bem, enviarei essa, sob sua garantia, fixado o seu preço, se assim o quer.
- TÍNDARO - Quero. Isso eu desejaria que se concretizasse o mais cedo possível.
- HEGIÃO - Alguma razão para não me pagar por ele vinte minas, se não voltar aqui?
- TÍNDARO - Não; está muito bem.
- HEGIÃO - (aos verdugos, que obedecem) Soltem-no já; melhor soltem ambos.
- TÍNDARO - Que os deuses todos realizem todos os seus desejos, por me honrar com tanta distinção e me soltar dos grilhões. De fato, não é nada desagradável sentir o pescoço livre da coleira.
- HEGIÃO - Favor feito a pessoas de bem é prenha de benefícios. Agora, se vai enviá-lo a Élis, dê-lhe todas as explicações e instruções sobre o que deseje que ele diga a seu pai. Quer que o chame para junto de você?
- TÍNDARO - Sim, chame-o.

Cena 3

- HEGIÃO - (a Filócrates) Que tudo dê certo para mim, para meu filho e para vocês. Seu novo amo quer que você obedeça com fidelidade aos desejos de seu antigo senhor. Eu pus você à disposição dela, e timado em vinte minas, e ele declara que deseja mandar você com recado a seu pai, para que resgate lá o meu filho e assim se opere a troca dos filhos entre mim e ela.
- FILÓCRATES - Estou pronto a servir a um e outro, ao senhor e a ele; pode usar-me como uma roda; eu rodo para aqui ou para ali, como me mandarem.
- HEGIÃO - Com essa disposição você atrei proveito para si mesmo, suportando a servidão como deve ser suportada. Siga-me. (a Tíndaro) Eis o seu homem.
- TÍNDARO - Fico-lhe obrigado, por me dar os meios e a permissão de enviar este mensageiro a meus parentes, e fim de levar ao conhecimento de meu pai, ordenadamente, os acontecimentos, e minha situação aqui e o que desejo se faça. (a Filócrates) Pois bem, Tíndaro, eu combinei com este senhor enviar você, com preço ajustado, a meu pai em

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Élis; caso você não torne aqui, eu lhe devo uma indenização de vinte minas.

FILÓCRATES - Penso que foi um acordo bem feito. Seu pai espere por mim ou por algum mensageiro que vá daqui ter com ele.

TÍNDARO - Por isso, presta-me atenção ao que desejo vá - participar a meu pai em Élis.

FILÓCRATES - Sr. Filócrates, eu farei o melhor possível, - como tenho feito até o presente; antes de tudo mais, devotando-me de coração, de alma e de cuidado, cuidarei das pessoas que levam a bom termo os seus propósitos.

TÍNDARO - Proceda como é de seu dever. Agora, quero que preste atenção. Antes de tudo, saúde a minha - mãe e meu pai, meus parentes e meus amigos que avistar; diga que aqui estou com saúde, como es cravo deste excelente senhor, que sempre me tratou e trata com toda deferência.

FILÓCRATES - Isso não precisava dizer; eu me lembraria facilmente.

TÍNDARO - Na verdade, não fosse esse guarda, eu me julgaria livre. Conte a meu pai o meu acordo com o sr. Hegião e respeito do filho.

FILÓCRATES - Não perca tempo lembrando-me do que não esqueço.

TÍNDARO - Que ele o resgate e envie para cá em troca de nós dois.

FILÓCRATES - Não me esquecerei.

HEGIÃO - Isso quanto mais cedo puder ser; é da máxima importância para ambos.

FILÓCRATES - O senhor não quer ver o seu filho mais do que - ele ao seu.

HEGIÃO - Meu filho me é caro, como a cada um o seu.

FILÓCRATES - (a Tíndaro) Mais algum recado para seu pai?

TÍNDARO - Sim, que eu aqui vou bem de saúde; você pode dizer-lhe sem receio - que entre nós não ocorreu nenhum desentendimento, você não cometeu nenhuma falta e eu não ralhei com você; que, apesar de tão grande desventura, você permaneceu obediente a seu amo, nunca me abandonou, diligente e fiel, nos perigos e nas privações. Quando meu pai souber de seu devotamento ao filho e a ele próprio, Tíndaro, nunca será tão avarento que não lhe dê alforria gratuita; eu, se voltar daqui, empenhar-me-ei em que ele o faça mais facilmente. Com efeito, devo a seus esforços, afabilidade, brevidade e sabedoria poder voltar ao seio da família, por ter você revelado a este senhor minha família e fortuna; com esse procedimento e sua sabedoria livrou seu amo dos grilhões.

FILÓCRATES - Fiz o que está lembrando e sinto-me feliz por - que o senhor não o esqueça. Mas o senhor merecia que eu o fizesse; com efeito, sr. Filócrates, se eu me pusesse agora a memorar os benefi



cios que lhe devo, a noite chegaria antes de eu terminar, pois o senhor sempre foi atencioso comigo, nada menos do que se fosse meu servo.

HEGIÃO - Deuses, que fidelidade! Que nobreza de alma! Como me arrancam lágrimas! É de ver como se querem de coração! Quantos louvores o servo ergue a seu amo!

FILÓCRATES - Por Pólux! Os louvores que ele me faz não são a centésima parte dos que ele próprio merece.

HEGIÃO - (a Filócrates) Se, pois, você procedeu tão bem, apresenta-se agora o ensaio de coroar os seus benefícios, desempenhando fielmente a incumbência que lhe confiou.

FILÓCRATES - Minha vontade de fazê-lo não poderá exceder meu empenho em consegui-lo. Para lhe dar certeza, sr. Hégião, inesco o testemunho supremo de Júpiter, de como não serei infiel ao sr. Filócrates.

HEGIÃO - Você é um homem às direitas.

FILÓCRATES - ... e lutarei por ele como se fosse por mim mesmo.

TÍNDARO - Eu desejo que seus esforços e atos confirmem essas palavras; agora dê-me sua atenção ao que ainda não disse do que espero de você e não se zangue comigo por causa destas palavras. Mas peço-lhe, lembre-se de que parte para casa sob minha palavra, com preço ajustado, e minha vida está aqui empenhada pela sua pessoa; não vá esquecer-me tão logo se pilhe fora da minha presença; você me deixa aqui como servo, fazendo as suas vezes na servidão; não vá dar-se por livre e abrir mão da garantia, deixando de prover ao regresso do filho deste senhor em troca da minha pessoa. Saiba-o, vai daqui avaliado em vinte minas. Trate de ser leal a quem é leal, cuidado para não afrontar a sua fidelidade. Pois meu pai, estou certo, fará tudo quanto lhe incumba. Conserve para sempre a minha amizade e não perca esta que acaba de achar. Pela sua dextre, que retenho na minha, rogo-lhe não me seja menos leal do que eu sou para com você. Meos à obra! Você agora é meu amo, meu patrono, meu pai; em suas mãos deposito minhas esperanças e meus haveras.

FILÓCRATES - O sr. deu instruções suficientes. Fica satisfeito se eu der execução a seus mandados?

TÍNDARO - Sim.

FILÓCRATES - Eu voltarei aqui aparelhado para satisfazer os seus anseios e (a Hégião) também os do senhor. Mais alguma coisa?

TÍNDARO - Sim; volte assim que possa.

FILÓCRATES - É escusado recomendá-lo.

HEGIÃO - Venha comigo ao banco; vou lhe dar dinheiro para a viagem; do mesmo passo, tirarei na pretoria um documento.

TÍNDARO - Que documento?



HEGIÃO - Um passe-livres, que apresente às autoridades militares, para o deixarem ir para casa. (a Tíndaro) Você entra.

TÍNDARO - Boa viagem.

HEGIÃO - (à parte) Por Pólux, que acertei a minha vida - quando comprei do quastor, dentre a presa, esses cativos. Se os deuses quiserem, terei livra do meu filho da escravidão. E dizer que hesitei tanto tempo entre comprar e não comprar esses - homens! (alto, indicando Tíndaro) Guardem esse homem lá dentro, por favor, para que ele não dê passos em direção nenhuma para fora, sem um - guarda; eu voltarei logo para casa (saem Tíndaro e seus guardas) Vou ter um pouco com os meus outros cativos em casa de meu irmão; ao mesmo - tempo, indagarei se alguém conhece este moço. - Acompanhe-me, para que eu o despache; quero cuidar disso em primeiro lugar. (sai com Filócrates)

ATO III

Cena 1

ERGÁSILLO -

Se é de lastimar quem procura pessoalmente sua comida e a duras penas a encontra, mais digno de lástima é quem a duras penas a procura e não encontra nada. O mais lastimável de todos, porém, é quem, faminto, não acha o que comer. Por Hércules! Eu, se fosse possível, gostaria de fazer os olhos deste dia, que anochei todos os mortais de tanta aversão a minha pessoa. Estou para ver um dia mais jejuento, mais farto de fome, dia - cujos empreendimentos menos vão avante, tão das cansadas férias de comer desfrutam meu estômago e meu pa-pô. Que vá para as profundas do inferno a profissão de parasita, já que a sociedade - de hoje repudia os cômicos pobres. Ela não dá - nenhum valor a espartanos de banquinho à parte, malhadeiros de muita lábia, mas sem eira nem beira. Eles só procuram quem, depois de se fartar, retribua com prazer o convite. Vão pessoalmente às compras, atribuição outrora dos parasitas. Eles mesmos passam da praça aos lupanares tão desembugados como desembugados condenam na assembleia os réus de crime. Não dão pelos histriões um vintém furado; todos ególatras. Há - pouco, quando me ausentei daqui, aproximei-me - de jovens na praça e disse-lhes: "Bom dia. Onde vamos todos almoçar hoje?" E eles nem piscam. - E ele nem piscam. "Quem diz em casa?" insisto, "ou quem convida?" E eles, salados como se fossem - mudos, nem mesmo se riem. "Onde vamos todos - cear?" repito. Ai eles abanam a cabeça, que não solto uma das minhas melhores piadas, daquelas que se rindiam outrora mesa-farta por um mês; - ninguém ri. Compreendi prontamente que se trata de um conclusão. Nenhum deles quis sequer imitar uma cadela irritada, se não rindo, pelo menos gregando os dentes. Ao ver que me escarneciam dessa maneira, deixei-os. Fui ter com outros, - depois outros e mais outros, com o mesmo resul-

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



tado. Todos mancomunados, como o cartal dos azeiteiros no Velabro. Regresso, por fim, de lá, por ver que ali troçam de mim. Outros parasitas além de mim passeavam pela praça em vão. Agora resolvi defender os meus direitos até o fim, de acordo com uma lei estrangeira. Essas que se concluírem para nos privar do alimento e da vida, vou intimá-los em justiça, condená-los à multa de me fornecerem dez jantares à minha escolha, quando houver carestia. Ah! se vou! Agora daqui vou ao porto. Tenho ali minha única esperança de jantar; caso se evapore também essa, volto aqui, para a sçorda grosseira do valho.

Cena 2

HEGIÃO -

(vindo da rua com Aristofontes, diz ao público) Nada mais agradável do que concluir um bom negócio no interesse público, como eu ontem, quando comprei aqueles homens. Todos, apenas me avisam, vêm ao meu encontro der-me os parabéns; assim, de me pararem e reterem, acabaram cansando-me, pobre de mim! A muito custo consegui safar-me do meio das congratulações. Por fim, cheguei à pretoria. Ali, apenas descansado, requeri o pesse-livre; deram-me na hora; entreguei-o a Tíndaro; ele partiu para Élis. Feito isso, volto dali depressa para casa; em seguida vou a casa de meu irmão, onde se acham os meus outros cativos. Pergunto se algum dentre tantos conhece a Filócrates de Élis. Por fim, este aqui ex-clema que é seu amigo. Digo-lhe que Filócrates está em minha casa e ele imediatamente pede com insistência para vê-lo. Mandei soltá-lo dos ferros no mesmo instante. (a Aristofontes) Agora, você siga-me, para obter o que me pediu e encontrar-se com aquela pessoa. (ssem ambos)

Cena 3

TÍNDARO -

(asguirando-se de casa de Hégião) Neste momento eu preferia mil vezes ter existido e estar existindo; a esperança, os recursos, os socorros me abandonam e se vão. Chegou o dia em que toda a esperança de sobreviver está perdida; não há como fugir ao extermínio, e nada espero, que venha enxotar de mim este medo. Em parte alguma tenho com que embuçar minhas velhacas mentiras; não se code capa a minhas imposturas e disfarces, se conjuro a minhas perfídias, fuga a meus malefícios, velhacouto a meu carredurismo, escapatório e meus enganos. O que estava encoberto, descobriu-se, os embustes desembuçaram-se. Tudo veio a lume e não há neste caso expediente que me salve de um triste fim, de morrer pagando por meu erro e por mim mesmo. Quem me desgraçou foi Aristofontes, esse que acaba de entrar. Ele me conhece; é amigo e parente de Filócrates. Nem mesmo a deusa Salvação, querendo, pode salvar-me; não há meios, a não ser que, cé no peito, eu atine com astúcia. Qual, puxa vida? O que vou inven-

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



tar? Que lembrança me vai ocorrer? Tudo que imagina são esneiras das grossas. Estou frito.

Cena 4

- HEGIÃO - (voltando com Aristofontes) Para onde direi que se atirou agora aquele homem fora de casa?
- TÍNDARO - (à parte) Agora estou deveras perdido; os inimigos vêm ao ataque, Tíndaro. Que hei de dizer? - Que estória vou contar? O que negar ou confessar? Tudo está agora na incerteza. Como confiar em - minha situação? Por que os deuses não te perderam, antes de te perder a pátria, ó Aristofontes, que pões a perder um plano que caminhava - às maravilhas? Esta empresa está morta, se eu a descubro uma astúcia tremenda que me salve.
- HEGIÃO - Acompanha-me; aí está o homem. Vá-lhe falar.
- TÍNDARO - (à parte, voltando as costas) Há no mundo homem mais digno de lástima do que eu?
- ARISTOFONTES - Que é isso, Tíndaro? Diz-se-lhe que você está - procurando fugir a meus olhos, que me refuga - como a um estranho, como se nunca me tivesse conhecido. No entanto, eu sou tão escravo como você, embora em casa tenha sido livre; você, desde menino, sempre foi escravo em Élis.
- HEGIÃO - (rindo) Por Pólux! Não é de admirar que ele evite te ver ou seus olhares, ou se o detesta; você lhe dá o nome de Tíndaro em vez de Filócrates!
- TÍNDARO - Sr. Hegião, em Élis esse homem passa por louco furioso; não dê ouvidos às estórias que ele conta. Em Élis, ele perseguiu o pai e a mãe de - lança em punho. É de vez em quando o acomete - aquela doença em que a gente cospe. Por isso, - mantenha-se longe desse homem.
- HEGIÃO - (espavorado) Levem-no para longe de mim!
- ARISTOFONTES - (a Tíndaro) Homem esse, seu patife! Então eu sou um louco furioso, persegui meu pai de lança em punho e sofro doença que obriga a cuspir em mim?
- TÍNDARO - Não tenha receios; essa doença maltratou muita gente e quem as cusparadas salvaram e curaram.
- ARISTOFONTES - (a Hegião) Mas o senhor? Ainda acredita nesse - sujeito?
- HEGIÃO - (que recua toda vez que Aristofontes se aproxima) Acreditar o que?
- ARISTOFONTES - Que eu seja louco?
- TÍNDARO - (a Hegião) Está vendo como ele nos olha de - olhar torvo? O melhor, sr. Hegião, é a gente afastar-se. É como eu lhe disse; a fúria está - crescendo; tome cuidado.
- HEGIÃO - Eu acreditei que era louco, no momento em que - lhe chamou Tíndaro.
- TÍNDARO - Se ele às vezes desconhece o próprio nome e não sabe quem é!



- HEGIÃO - E ainda se dizia seu amigo!
- TÍNDARO - (irônico) Nunca vi ninguém que mais o fosse! - Outrossim, Alcmeu, mais Orestes e, depois, Licurgo são tão amigos meus quanto ele.
- ARISTOFONTES - Mas, seu patibular, você ainda se atreve a insultar-me? Eu não o conhaço?
- HEGIÃO - Mas, por Pólux! É evidente que você não o conhece; você lhe dá o nome de Tíndaro em vez de Filócrates! Não reconheça a pessoa que está vendo e nomeia uma que não está vendo?
- ARISTOFONTES - (a Hégião) Ao contrário; esse sujeito é que diz ser quem não é e nega ser quem é na realidade.
- TÍNDARO - Com efeito, foi preciso encontrar você para levar a palma a Filócrates em veracidade!
- ARISTOFONTES - Por Pólux! Pelo que vejo, foi preciso encontrar você para confundir a verdade com suas patranhas. Por Hércules! Eu lhe peço, vamos, olhe para mim.
- TÍNDARO - (encarando Aristofontes) Pronto.
- ARISTOFONTES - Agora diga; nega que é Tíndaro?
- TÍNDARO - Nego, pois não.
- ARISTOFONTES - E assevera que é Filócrates?
- TÍNDARO - Assevero, pois não.
- ARISTOFONTES - (a Hégião) O senhor acredita nela?
- HEGIÃO - Mais do que em você ou em mim, é claro; com efeito, aquela que você diz ser este partiu daqui para casa do pai deste em Elis.
- ARISTOFONTES - Que pai, se ele é escravo?
- TÍNDARO - Você é também escravo e era livre; eu confio em que o serei também; se reconduzir à liberdade o filho deste senhor.
- ARISTOFONTES - O que diz, seu patibular? Você diz que nasceu ingênuo?
- TÍNDARO - Eugênio eu não digo que seja e sim Filócrates.
- ARISTOFONTES - Hom'essa! Como esse bandido o está empulhando, sr. Hégião! Realmente, esse é um escravo e, além de si mesmo, nunca teve outro.
- TÍNDARO - Porque você mesmo é um indigente em sua terra e não tem em casa do que viver, quer encontrar em toda gente um seu igual. Não é de admirar o que você faz; é próprio dos miseráveis ser malquerentes e invejar aos bons.
- ARISTOFONTES - Sr. Hégião, olhe bem, não se arrisque a continuar acreditando nesse sujeito. Aliás, segundo percebo, ele de fato já lhe aplicou uns bons golpes baixos; essa estória de que vai resgatar o seu filho não me agrada nem um pouco.
- TÍNDARO - Sei que você não quer que isso aconteça. Contudo eu o farei, com a ajuda dos deuses. Eu o devolvo rei a este senhor e ele me devolverá a meu pai em Elis; para isso enviei daqui Tíndaro a meu pai.



- HEGIÃO - (Que se aproximou de Aristofontes a passos cautelosos, examinando-lhe cuidadosamente os movimentos e feições) Estou ouvindo, Aristofontes, se você quer dizer-me alguma coisa.
- ARISTOFONTES - De mim, sr. Hegião, ouvirá a verdade sobre as mentiras a que vem dando crédito. Mas, antes de tudo, quero, diante do senhor, varrer minha consciência; não estou tomando de loucura e não sofro de nenhum mal além da servidão. Mas que o rei dos deuses e dos homens me faça readquirir minha pátria tão verdadeiramente como esse sujeito não é mais Filócrates do que eu e o senhor?
- HEGIÃO - Ora essa! Diga-me, então; quem é ele?
- ARISTOFONTES - Quem eu venho dizendo desde o começo. Se o senhor apurar o contrário, não faço objeção nenhuma em renunciar a minha primitiva liberdade e ficar em sua casa.
- HEGIÃO - (a Tíndaro) É você o que diz?
- TÍNDARO - Digo que sou servo seu e o senhor é meu amo.
- HEGIÃO - Não perguntei isso. Você era livre?
- TÍNDARO - Sim.
- ARISTOFONTES - A verdade é que ele não o era; está mentindo.
- TÍNDARO - Como você pode saber? Acaso foi você a parteira de minha mãe, para ouvir falar com esse desplaneta?
- ARISTOFONTES - Eu o vi quando éramos crianças.
- TÍNDARO - Mas eu o vejo agora, quando somos maiores. (dá-lhe um sopapo) Tome lá! Não se meta com a minha vida, se quer acertar; acaso eu me intrometo na sua?
- HEGIÃO - (a Aristofontes) o pai dela se chama Teseuocrísonicocrísides?
- ARISTOFONTES - Não, em jamais ouvi antes semelhante nome. O pai de Filócrates chama-se Teodoromedes.
- TÍNDARO - (à parte) Estou perdido e bem perdido. Sossega coração! Vai à força e pendura-ta. Tu te sobressaltas e eu, pobre de mim! Mal me sustento de pé, de tanto medo!
- HEGIÃO - (agastado) Quer dizer que está bem verificado - que esse sujeito era escravo em Élis e que Filócrates não é ele?
- ARISTOFONTES - Tão bem que o senhor jamais apurará outra coisa. Mas onde está Filócrates agora?
- HEGIÃO - Onde eu menos quisera que estivesse e onde ele mais quer estar. Então, eu fui bigodeado, pobre de mim! Tungado pelos artificios desse bandido, que me empulhou como lhe aprouver! (a Aristofontes) Mas você não estará enganado?
- ARISTOFONTES - Não senhor. O que eu lhe digo está mais do que examinado e verificado.
- HEGIÃO - Tem certeza?
- ARISTOFONTES - Tanto que, repito, o sr. nada apurará mais seguro do que isso. Sabe desde quando eu e Filócrates

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- tes somos amigos? Desde a infância.
- HEGIÃO - Então, que feições tem Filócrates?
- ARISTOFONTES - Eu lho direi; tem o rosto magro, o nariz em ponta, a pele alva, os olhos negros; é um tanto ruivo, de cabelos crespos e enlaidos.
- HEGIÃO - Tudo combine.
- TÍNDARO - (à parte) Sim, caramba! Tudo combine para que eu ganhe hoje uma evidência lamentável! Pobres varas que lá vão morrer hoje nos meus lombos.
- HEGIÃO - Estou vendo que me empulharam.
- TÍNDARO - (à parte) Por que demorais, grilhões, em correr até mim e envolver-me as pernas, para que eu vos guarde?
- HEGIÃO - Esses cativos velhacos ter-me-ão logrado hoje - quanto basta? Aquela fingia ser escravo, ao pagar que esta se fazia passar por livre. Abri mão de amêndas e guardei a casca como penhor! Fui tão estúpido, que os deixei bacuntem-me a cara toda com suas borraduras. Mas este é que nunca se rirá de mim. (chamando) Cólafo! Cordalião! - Córax! Venham aqui e tragam as correias.

Cena 5

- CÓLAFO - Vai-nos mandar lenhar?
- HEGIÃO - (apontando Tíndaro) Aígemem esse lorpa?
- TÍNDARO - Por que isso? Que mal fiz eu?
- HEGIÃO - Ainda pergunta? Ninguém supera você em semear, sacho e seifar arcaicas.
- TÍNDARO - Custava muito mancionar a grade? Nas lavouras, costuma-se gradar antes de sacho.
- HEGIÃO - É com que calça ele me encara?
- TÍNDARO - Um servo inocente e impecável deve manter-se calmo, principalmente em presença do amo.
- HEGIÃO - (aos verdugos) Aten-lhe as mãos com força, por favor.
- TÍNDARO - Eu pertença ao senhor. Se quiser pode até mandar cortar as mãos. Mas o que aconteceu? Por que se agastou comigo?
- HEGIÃO - Porque, tanto quanto estava em suas mãos, você com suas primincas lorotas, fez ~~lha~~ em postas a mim e meus interesses, estreçalhou minha fortuna e fez rodar todos os meus planos e cálculos. Foi assim, com embustes, que me subtraiu Filócrates. Eu acredito que ele era escravo e você livre; assim vocês me diziam e assim trocavam seus nomes.
- TÍNDARO - Confesso que tudo se passou como o senhor diz e ele se foi daqui graças a enganos forjados por minha estúcia. Ora bales! Eu lho pergunto: é por isso que está furioso comigo?
- HEGIÃO - Mas isso você vai me pagar com as mais cruas torturas.

- TÍNDARO - Pouco me importa morrer, desde que não seja por ter procedido mal. Se eu parecer aqui e ele não voltar como prometeu, pelo menos após a morte - ficará a memória de meu gesto; graças a mim, o meu amo, caído prisioneiro, regressou, livre, - do cativo e das mãos do inimigo para a pátria e para seu pai; a que ele percesse preferi por em risco minha própria cabeça.
- HEGIÃO - Vá, então, ser glorioso no Aqueronte!
- TÍNDARO - Quem morre por coragem não perece.
- HEGIÃO - Depois que o sujeitar aos piores suplicios e o entregar à morte por causa de suas trancinhas, - tanto faz que digam que você morreu, como que - pareceu. Contanto que você não pereça, não proíbo que o declarem vivo.
- TÍNDARO - Por Pólux! Se o senhor proceder assim, vai se arrepender quando ele cá voltar, como confio - que o fará.
- ARISTOFONTES - (à parte) Deuses imortais! meu amigo Filócrates está em liberdade, em casa do pai, em nossa pátria! Ótimo! E também não há ninguém a quem eu mais deseje boa sorte do que a ele. Pesa-me, porém, de ter prestado um mau serviço a este homem, que agora está acorrentado por minha culpa, por causa de minhas palavras.
- HEGIÃO - (a Tíndaro) Eu não proíbo que me dissesse qualquer mentira hoje?
- TÍNDARO - Proíbio.
- HEGIÃO - Como se atreveu a mentir assim?
- TÍNDARO - Porque a verdade prejudicaria aquele a quem eu servia. Minhas mentiras lhe estão aproveitando.
- HEGIÃO - Mas a você vão prejudicar.
- TÍNDARO - Está muito bem. Pelo menos, salvei o meu amo, e cuja salvação me alegra. Meu amo, o velho, fizera-me seu guarda. Mas o senhor acha que obrei - mal?
- HEGIÃO - Muito mal.
- TÍNDARO - Já eu acho que fiz bem, discordando de seu parecer. Pense, com efeito; se algum servo seu procedesse assim para com o seu filho, que agradecimento não lhe daria! Daria ou não daria liberdade a esse escravo? Ele não gozaria de estima sua especialíssima? Responda.
- HEGIÃO - Penso que sim.
- TÍNDARO - Então, por que se zanga comigo?
- HEGIÃO - Porque foi mais fiel a ele que a mim.
- TÍNDARO - Hom'esse! O senhor pretende, em uma noite e um dia apenas, ensinar-me, e mim, um homem ruidoso - capturado, recém-entrado ao seu serviço, apenas desde a véspera, a servir melhor aos meus interesses do que aos daquele com quem convivo desde a infância?



- HEGIÃO - Peça a ele, então, que lhe seja agradecido (aos verdugos) Levem-no onde lhe ponham vira-mundos pesados e grossos. Daí seguiré depois para as pedreiras. (a Tíndaro) Ali, enquanto outros extraem oito blocos por dia, se você não fizer nada de dia outro tanto e mais meio, receberá a alcuha de Milaçoites.
- ARISTOFONTES - Eu lhe suplico, sr. Hegião, pelos deuses e pelos homens, não dê cabo desse homem.
- HEGIÃO - Cuidarão dele. Passará a noite emarrado em cordas; durante o dia extrairá blocos de pedra no subterrâneo. Eu lhe darei tretos por muito tempo, não lhe vou perdoar no segundo dia.
- ARISTOFONTES - Está bem resolvido e isso?
- HEGIÃO - Tão seguro como de morrer. (aos verdugos) Levem-no já a Hipólito, o ferreiro, e mandem enfiar-lhe peias grossas. Daí diligenciem para que se já levado fora das portas da cidade a meu libertado Córdalo, na pedreira. Digam-lhe que eu quero, para este, tratamento pior que o de quem é mais ruim o tenha.
- TÍNDARO - Por que havia eu de tentar salvar-me contra sua vontade? O perigo que minha vida corre são riscos seus. Depois de morto, não há mal que eu receie na morte. Mesmo que eu tenha de viver - até idade avançada, breve é o lapso de tempo - que terei de suportar as penas que o senhor me ameaça. Adeus, passe bem, embora o senhor mereça coisa diversa do que digo. Você, Aristofontes, passe bem conforme o favor que me fez, pois se isto me aconteça, a culpa é sua.
- HEGIÃO - (aos verdugos) Levem-no.
- TÍNDARO - Só lhe faço um pedido; se o sr. Filócrates voltar aqui, dê-me permissão de encontrá-lo.
- HEGIÃO - (aos verdugos, irritado) Ai de vocês, se não o levem já da minha presença! (os verdugos agarram Tíndaro e levam-no)
- TÍNDARO - Isto é que se chama violência, por Hércules! ser puxado e empurrado ao mesmo tempo!
- HEGIÃO - (à parte) Ele foi diretamente para o cárcere - como merece. Eu farei dele escarmento para os outros cativos; assim nenhum se abalance à mesma façanha. Se não houvesse este outro para tudo me esclarecer, eles, com seus ardies, me continuariam levando para cá e para lá, puxado por um freio. Daqui por diante, estou resolvido a não dar crédito a ninguém; basta terem-me enganado uma vez. Eu, pobre de mim! Esperava arrancar meu filho à escravidão; essa esperança se foi. Eu já perdi um filho, que aos quatro anos um servo me raptou; nunca mais encontrei nem o servo nem o filho. Agora, é o mal velho que cai nas mãos do inimigo. Que castigo é este? É como se eu tivesse feito filhos para me ver privado deles. (alto) Venha cá; eu vou levá-lo de volta onde estava. Estou disposto a não ter dó de ninguém, já que de mim ninguém tem dó.



ARISTOFONTES - Augurei que sairia dos grilhões; agora compreendo que devo augurar de novo a volta às cadeias.

ATO IV

Cena 1

ERGÁSILLO - (Entrando, detém-se no lado oposto à casa de Hégião) Júpiter altíssimo, vós me ofereceis opulências mais ricas; glória, proveito, diversão, pilhérias, festas, férias, cortejos, comidas, bebidas, saciedade, alegrias. Agora estou resolvido a não implorar nada a ninguém; está em minhas mãos servir a um amigo e arruinar um inimigo, que este dia delicioso me carregou de deliciosas delícias. Eu recebi uma herança polpudíssima, sem cláusula de sacrifício. Agora vou de carreira aí a casa do velho Hégião, a quem levo tanta felicidade quanta ele próprio roga aos deuses e até mais. Agora está decidido; à maneira dos escravos de comédia, arrepanho o manto para o pescoço, a fim de ser o primeiro de quem ele ouça a novidade; espero, de alvissaras, comida para sempre

Cena 2

HEGIÃO - (entra sem ver Ergásilo) Quanto mais resolvo este caso no meu íntimo, tanto mais cresce o ressentimento em meu coração. Tarem-me besuntado a cara daquele modo hoje! E eu não fui capaz de percebê-lo! Quando souberem disso, vão rir de mim pela cidade. Apenas eu chegue ao foro, todos dirão: "Esse é aquele velho sabido, que bigodearam." (vendo Ergásilo) Mas não é Ergásilo quem estou vendo lá adiante? Ele arrepanhou o manto. Que irá fazer?

ERGÁSILLO - Arreda de tia demora, Ergásilo, e mãos à obra. Eu ameaço e torno a ameaçar, que não me fique no caminho senão quem acredite já ter vivido bastante. Quem me tolher o passo ponho-o a fochinar no chão!

HEGIÃO - (à parte) O homem se prepara para um pugilato.

ERGÁSILLO - A decisão está tomada. Por isso, mentenho-se cada qual em seu caminho e ninguém traga negócios para tratar nesta praça. Meu punho é uma balista, meu cotovelo uma catapulta e meu ombro um aríete. Depois, se atinjo alguém com uma joelhada, dou com ele em terra. Se acerto a num mortal, ponho-o a cuspir os dentes.

HEGIÃO - (à parte) Que tantas ameaças são essas? Não caibo em mim de espanto.

ERGÁSILLO - Farei que jamais esqueçam este dia, este lugar e minha pessoa. Tentar barrar os meus passos é barrar os da própria vida.

HEGIÃO - (à parte) Que grande cometimento empreende este homem com tantas ameaças?



- ERGÁSILLO - Avião antes, para ninguém ser apanhado por culpa sua; mantenham-se em casa, ponham-se fora do alcance de meus ímpetos.
- HEGIÃO - (à parte) Por Pôlux! Será de espantar, se ele não tiver enchido a barriga... de valentia! Ai do infeliz cuja comida tornou esse sujeito manidão.
- ERGÁSILLO - Aos moleiros que criam porcos e sustentam com farelo as porcas, cujo mau cheiro não deixa ninguém passar pelo moinho, se eu avistar porca de algum deles na rua, eu lhe secudirei, hei de lhe fazer vomitar e ao dono o farelo todo.
- HEGIÃO - (à parte) Ele baixa editos realengos e autoritários. O homem deve estar com o estômago cheio; traz a valentia na psnça.
- ERGÁSILLO - Aos pescadores que fornecem ao povo peixes fedorentos e montam cavalicoques de torturante galope, cujo mau cheiro expulsa para a praça os frequentadores da basílica, eu lhes hei de fustigar a cara com os seus belaios, para sabermos quanto incômodo causem aos narizes alheios. - Quanto aos açougueiros que enlutam as ovelhas privando-as de seus filhos, vendem cordeiros para o abate e entregam carne de cordeiro dura, dando a um carneiro velho o nome de capão, se eu topar essa carneiro velho na via pública, tornarei o carneiro e o dono os mais infelizes dos mortais.
- HEGIÃO - (à parte) Formidável! O camarada está beijando portarias de edil e será de admirar se os estólos não o elegerem seu inspetor do mercado.
- ERGÁSILLO - Eu agora já não sou parasita; sou o rei mais real dos reis, tão grande quantidade de comida chegou ao porto, consignada ao meu estômago. Mas estou tardando a cumular de alegria aqui ao velho Hégião, pessoa a quem nenhuma outra supera em felicidade na vida.
- HEGIÃO - (à parte) Que alegria será essa que esse sujeito alegre me quer prodigalizar?
- ERGÁSILLO - (à porta de Hégião) Alô! Onde estão? Há alguém aqui? Alguém que me abra esta porta?
- HEGIÃO - (à parte, decepcionado) Esse homem recolhe-se a minha casa, mas é para jantar!
- ERGÁSILLO - Abrem-me esta porta de par em par, antes que, e de tanto bater, eu acabe por despedaçá-la.
- HEGIÃO - (à parte) Terei muito prazer em falar com o homem. (alto) Ergásilo!
- ERGÁSILLO - Quem está a chamar por Ergásilo?
- HEGIÃO - Olhe para mim.
- ERGÁSILLO - (sem se voltar) O que me está pedindo é o que a deusa fortuna não fez a você nem fará. Mas quem é você?
- HEGIÃO - Olhe para mim; sou Hégião.
- ERGÁSILLO - (voltando-se) Oh! Sr. Hégião! O melhor de quantos homens melhores existem! Como vem a mim no

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0142 - CEP 90020-025



- momento certo?
- HEGIÃO - Você deparou no porto não sei quem com quem jantar; por isso me dasdenha.
- ERGÁSILO - Dê cá essa mão.
- HEGIÃO - A mão?
- ERGÁSILO - Sim, sue mão, depressa.
- HEGIÃO - Aí a tem.
- ERGÁSILO - (apertando-lhe a mão) Alegre-se.
- HEGIÃO - Alegrar-me? Por que?
- ERGÁSILO - Porque eu estou mandando. Ande, Alegre-se.
- HEGIÃO - Por Pólux! Se eu tenho mais motivos de tristeza que de alegria?
- ERGÁSILO - (largando-lhe a mão) Não se zangue. Eu já farei desaparecer de sua pele todas as manchas de tristeza; alegre-se confiantemente.
- HEGIÃO - Estou alegre, mesmo sem saber por que.
- ERGÁSILO - Ótimo! agora mande...
- HEGIÃO - Mandar o que?
- ERGÁSILO - ... acender um fogaréu.
- HEGIÃO - Um fogaréu?
- ERGÁSILO - É o que digo; um bem grande.
- HEGIÃO - Hom'easa, seu abutre! Pensa que vou atear fogo à casa por sua cussa?
- ERGÁSILO - Não se zangue. Mneda ou não manda pôr as panelas no fogo, lavar as balxeles, cozer o toici-nho e iguarias em rescaldos ferventes, expedir um servo para comprar peixes...
- HEGIÃO - O camarada está sonhando acordado.
- ERGÁSILO - ... um outro e comprar carne de porco e de carneiro, uns frangos...
- HEGIÃO - Você sabe comer bem, havendo com quê.
- ERGÁSILO - E salmão, esturjão, congrio, carapeus, atum, mais sranque e queijo fresco.
- HEGIÃO - Aqui em minha casa, Ergásilo, você terá mais facilidade de mencionar do que provar essas iguarias.
- ERGÁSILO - Cuida que digo isso por minha causa?
- HEGIÃO - Não deixará de comer alguma coisa aqui hoje, mas não muito mais do que isso, não se iluda. Por tanto, não traga mais apetite do que o da comida de todo dia.
- ERGÁSILO - Sim?! Eu farei com que o senhor mesmo queira despendex à larga, ainda que eu lho proiba.
- HEGIÃO - Eu?! No duro?
- ERGÁSILO - O senhor. No duro.
- HEGIÃO - Então, você agora é mau amo?
- ERGÁSILO - Amo, não; amigo. Quer que o faça feliz?
- HEGIÃO - Sempre acho melhor do que infeliz.



- ERGÁSILO - Dê-me a mão.
- HEGIÃO - Aí a tem.
- ERGÁSILO - (apertando-lhe a mão) Os deuses todos o ajudam.
- HEGIÃO - E eu que não sinto nada!
- ERGÁSILO - Sentiria, sentado num espinheiro. Mas manda depressa purificar vasos para o sacrifício e trazer um cordeiro gordo especialmente.
- HEGIÃO - Para que?
- ERGÁSILO - Para o imolar.
- HEGIÃO - A que Deus?
- ERGÁSILO - A mim, por Hércules! Eu hoje, para o senhor, sou Júpiter altíssimo, eu sou a Salvação, Fortuna, Luz, Alegria, Prazer. Por isso, cuide de conciliar as boas graças deste deus com a saciedade.
- HEGIÃO - (com mostras de cansaço) O que me quer parecer é que você está com fome.
- ERGÁSILO - Se tenho fome, o problema é meu, não seu.
- HEGIÃO - Como quiser; eu aguento tudo.
- ERGÁSILO - Não duvido; hábito adquirido na infância.
- HEGIÃO - Que Júpiter e os deuses o acabem.
- ERGÁSILO - Por Hércules! ... ao senhor cabe agradecer-me a tal a felicidade que acabo de lhe trazer do porto. Agora o senhor me deve aplacar.
- HEGIÃO - Vê embora; você é um tolo. Chegou tarde.
- ERGÁSILO - Ora, se eu tivesse vindo mais cedo, o senhor teria mais razão de me chamar tolo. Agora, ouça a notícia que lhe trago; eu vi há pouco, na porto, vivo, são e salvo, numa falua do governo, Filopólemo, o seu filho; com ele estavam aquala moço de Élis e mais Estalagmo, o servo seu que fugiu de casa raptando o seu filhinho de quatro anos.
- HEGIÃO - Ora, vá para os quintos! Quer moçar de mim? Está a brincar comigo?
- ERGÁSILO - Assim me protege a santa Sociedade, sr. Hégião, e me distingue sempre com seu sobrenome, como é verdade que os vi.
- HEGIÃO - O meu filho?
- ERGÁSILO - Seu filho e meu gênio tutelar.
- HEGIÃO - É mais o tal cativo de Élis?
- ERGÁSILO - Mãe ton Apolo.
- HEGIÃO - É ainda o meu pequeno servo Estalagmo, reaptor de meu filho?
- ERGÁSILO - Nai tan Kóran.
- HEGIÃO - Faz tempo...
- ERGÁSILO - Nai tan Prainásten.
- HEGIÃO - ... que ele chegou?
- ERGÁSILO - Nai tan Signían.



- HEGIÃO - Você tem certeza?
- ERGÁSILLO - Não tem Frusinôma.
- HEGIÃO - Olhe aqui.
- ERGÁSILLO - Não tem Alétrion.
- HEGIÃO - Por que jura por cidades estrangeiras?
- ERGÁSILLO - Porque são secas como a sua dieta, como o senhor dizia.
- HEGIÃO - Vá para o raio que o parta!
- ERGÁSILLO - É o que devo fazer, já que não creê nada do que digos sério. De que nação era Estelgmo, quando se foi daqui?
- HEGIÃO - De Sicília.
- ERGÁSILLO - Pois deixou de ser Siciliano; agora é calabrés pois traz pendurado no pescoço um calibre. Casa ram-no com a corda, parece, para tirar a raça.
- HEGIÃO - Diga; você me disse daquelas coisas a sério?
- ERGÁSILLO - Sim senhor.
- HEGIÃO - Deuses imortais! Se diz a verdade, parece que rg nasci!
- ERGÁSILLO - Hom'essa! Ainda duvida, depois que lhe jurei - solenemente? Afinal, sr. Hégião, se o juramento não lhe merca muita fé, vá ao cais verificar.
- HEGIÃO - É o que estou resolvido a fazer. Você entre e tome as providências que cabem. Pegue, peça, ti ra o que quiser; eu o nomeio meu adaqueiro.
- ERGÁSILLO - For Hércules, se eu não tiver profetizado certo, panteie-me com a vara de marmelairo!
- HEGIÃO - Se é verdade o que conta, eu lhe darei mesa fog to para sempre.
- ERGÁSILLO - Quem o garante?
- HEGIÃO - Eu e meu filho.
- ERGÁSILLO - Promete, deveras?
- HEGIÃO - Prometo.
- ERGÁSILLO - Pois eu lhe garanto que seu filho chegou.
- HEGIÃO - Desincumbe-se da melhor maneira possível.
- ERGÁSILLO - Então boas idas e boas voltas!

Cena 3

- ERGÁSILLO - Lã se foi ele; confiou-me plenos poderes na des pensa. Deuses imortais, como vou dacepar cabe - ças de carcaças! Que calamidade sobrevirão aos presuntos! Que flegalos so toicinho! Que consumi ção às tetas de porca! Que desastres aos couros pururucas! Que fadigas aos carniceiros e salsi- cheiros! Mas se me ponho a lembrar tudo quanto sustenta uma pança, o tempo me passe. Agora me vou; vou fazer justiça ao toicinho conforme os poderes a mim outorgados e socorrer os presun- tos, pendurados sem julgamento. (sai)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0142 - CEP 90020-025



ATO V

Cena 1

SERVO -

(à porta, diz para dentro) Que Júpiter e os deuses dêem cabo de você, Ergásilo, de seu bucho e de todos os parasitas e de quem doravante der - ceias a parasitas (descendo, ao público) Acaba de baixar sobre esta casa um flagelo, uma calamidade, uma catástrofe. Parecia um lobo faminto temi que me atacasse! Quando vi aquela cara de fome, pensei que ia avançar sobre mim; senti um mado denado, tanto ele rangia os dentes. Logo ao chegar, pôs de pernas para o ar o depósito - de carnes e matou as carnes, sapanhou um cutelo e cortou as arreigadas a três carcaças de porco e fez em cacos todas as panelas e caçarolas menores de cinco litros. Perguntava aos cozinheiros se os cântaros iam ao fogo! Arrombou todas as - arcaas da despensa e escancarou o guarda-louça. (para dentro) Escravos, olho nele, por favor. - Eu vou procurar o velho. (para o público) Dir-lhe-ei que trate de reabastecer a despensa, se quiser algo para si; do jeito como esse sujeito prepara a ceia, ou já não resta nada, ou nada - vai restar daqui a pouco. (sai)

Cena 2

HEGIÃO -

(entrando à frente, a Filopólemo) Rendo mercedas graças do fundo do coração a Júpiter e aos deuses, porque entregam você de volta a seu pai e me forrem a tantos sofrimentos por que vinha passando até hoje, enquanto me faltava você - aqui e também por ver em nosso poder esse homem (aponta Estalagmo) e por ter deparado (aponta - Filócrates) tamanha fidelidade à palavra empenehada.

FILOPÓLEMO -

Já sofri bastante no coração; já me consumi bastante de cuidados e de lágrimas, e já ouvi bastante sobre as penas que o senhor me relatou no porto. Vamos ao que urge.

FILOCRATES -

E agora, quanto a mim, que, cumprindo a palavra, lhe devolvi, livre, esse filho?

HEGIÃO -

Sr. Filócrates, o que o senhor fez nunca lhe poderei agradecer à altura do bem que nos fez a mim e a meu filho.

FILOPÓLEMO -

Ao contrário, pai, o senhor ~~mal~~ pode, o senhor poderá e eu também hei de poder; os deuses permitirão que o senhor possa recompensar com um benefício o benefício que ele nos fez, assim como a este outro (aponta Estalagmo), meu pai, o sr. pode recompensar em toda a extensão de seus méritos.

HEGIÃO -

Para que tantas palavras? (a Filócrates) Não há língua com que recuse ao senhor o que pedir.

FILOCRATES -

Eu lhe peço restituição do servo que deixei - aqui em penhor de minha pessoa; ele sempre foi melhor para comigo do que para consigo mesmo; - quero recompensá-lo à altura dos benefícios que lhe devo.



- HEGIÃO - Pelo bem que o senhor fez nós lhe seremos gra-  
tos. Terá o que está pedindo e o que pedir além  
disso. Outrossim, rogo-lhe que não se agaste pe-  
lo mal que fiz a ele num momento de cólera.
- FILÓCRATES - O que lhe fez?
- HEGIÃO - Meti-o com grilhões na pedreira, quando soube -  
que me lograra.
- FILÓCRATES - Que desdita a minha! Uma pessoa tão boa sofren-  
do por minha salvação!
- HEGIÃO - Em compensação, não precisa pagar-me por ele nem  
uma petaca de prata. Lave-o daqui de graça para  
liberdade.
- FILÓCRATES - Palavra, sr. Hegião, que lhe agradeço muito! Mas  
por favor, manda-o chamar.
- HEGIÃO - Como quiser. (aos servos) Onde estão vocês? Vão  
buscar Tíndaro. (a Filócrates e Filopólemo) Vo-  
cês outros, entrem; enquanto isso, vou saber -  
deste sacco de pancadas o que foi feito de meu ô  
caçula. Aproveitem o tempo para levar-se.
- FILOPÓLEMO - Vamos entrar, Filócrates.
- FILÓCRATES - Estou indo. (sei com Filopólemo)

Cena 3

- HEGIÃO - Venha cá você, meu bom homem, meu escravo encan-  
tador!
- ESTALAGMO - Que devo fazer, quando um homem como o senhor se e  
põe a mentir? Belo, encantador, eu já fui; bom  
homem, nunca, nem prestimoso; nem o sarei jamais  
perca a esperança de que eu venha a ser serviçal
- HEGIÃO - Você compreende facilmente mais ou menos a sua  
situação. Se disser a verdade, fa-la-á passar de  
ruim a melhorzinha. Fale verdade, sem rodei-  
os.
- ESTALAGMO - De que eu não trapido em confessar, o sr. crê -  
que eu vá corar porque é o senhor quem me acusa?
- HEGIÃO - Mas eu farei que core; eu lhe cobrirei o corpo  
de rubores.
- ESTALAGMO - (irônico) Se não me engano; ameaça açoitar-me,  
coisa que jamais aconteceu! Deixe dessas amea-  
ças uma vez por todas e diga o que me dá para  
obter de mim o que deseja.
- HEGIÃO - Você tem mesmo a língua pronta, mas estou dispo-  
sto a não desperdiçar palavras.
- ESTALAGMO - Seja como quer.
- HEGIÃO - (à parte) Em menino aguentava tudo; isso hoje -  
não lhe fica bem. (alto) Vamos ao que importa.  
Agora, preste atenção e diga-me o que eu pergun-  
tar. Se disser a verdade, tornará melhorzinha a  
sua situação.
- ESTALAGMO - Isso é laro-lero. Pensa que não sei o que mere-  
ço?

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-027



- HEGIÃO - Mas pode escapar a pequena parte, se não a tudo.  
ESTALAGMO - Escaparei só a uma pequena parte, sei eu; o que está por vir é muito e bem o mereço, porque fugi, roubei o seu filho e vendi-o.  
HEGIÃO - A quem?  
ESTALAGMO - A Teodoromedes Poliplúsio, em Élis, por seis mi-  
nas.  
HEGIÃO - Pelos deuses imortais! Mas trate-se do pai des-  
te Filócrates!  
ESTALAGMO - Como se eu não o soubesse melhor do que o senhor  
e não o tivesse visto mais vezes!  
HEGIÃO - Júpiter altíssimo, salvai-nos a mim e a meu fi-  
lho! (à porta, chamando) Filócrates, peça-lhe  
por seu gênio tutelar; venha cá fora; preciso -  
do senhor.

Cena 4

- FILÓCRATES - (acorrando, solícito) Aqui estou, sr. Hégião; -  
se precisa de mim, é só mandar.  
HEGIÃO - Este homem diz que vendeu meu filho e seu pai -  
em Élis, por seis minas.  
FILÓCRATES - (a Estalagmo) Há quanto tempo foi isso?  
ESTALAGMO - São agora dezanove anos completos.  
FILÓCRATES - Ou mintu eu, ou mente o senhor. Quando o senhor  
era menino pequeno, seu pai lhe deu um escravo  
de quatro anos para seu serviço pessoal.  
FILÓCRATES - Como se chamava? Se diz a verdade, eu me lembrei  
raí.  
ESTALAGMO - Seu nome era Pégnio; depois, vocês lhe deram o  
de Tíndaro.  
FILÓCRATES - Por que, então, eu não conheço você?  
ESTALAGMO - Porque toda gente esquece e não reconhece pes-  
soas cuja amizade não tem utilidade nenhuma.  
FILÓCRATES - Diga-me; o que você vendeu e meu pai era o que  
ele me deu para o meu serviço pessoal?  
ESTALAGMO - É o filho deste senhor.  
HEGIÃO - Vive esse homem?  
ESTALAGMO - Recebido o dinheiro, o resto não me importava.  
HEGIÃO - (a Filócrates) O que diz o senhor?  
FILÓCRATES - Bem, segundo os argumentos dele, é bem esse Tí-  
ndaro o seu filho; está comigo desde que éramos  
crianças e, até a adolescência, recebeu uma edu-  
cação cuidada e honesta.  
HEGIÃO - Se o senhor diz a verdade, eu sou feliz de dese-  
graçado; sou desgraçado por havê-lo maltratado,  
sendo ele meu filho. Ah! quanto eu fiz de mais  
ou de menos do que devia! Atormente-me havê-lo  
maltratado. Se ao menos pudesse desfazer o que  
foi feito! Mas ei-lo que aí vem, em trajes que  
não condizem com seus predicados.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0142 - CEP 90020-0



Cena 5

- YÍNDARO - (entra, escoltado por dois escravos; veste um -  
surrão roto e arrasta cadeias nos pés) Eu já vi  
muites vezes quadros que figurem os tormentos -  
do Aqueronte, mas, na verdade, não há aqueronte  
comparável àquele onde sative nas pedreiras. -  
Ali, enfim, é um lugar onde a gente se refaz das  
fadigas trabalhando. As crianças fidalgas dão g  
gralhas, patos ou codornas para brincar; assim  
me deram ali, apenas chegado, uma marraco com -  
que me delatou. Mas eis diante da porta o meu  
amo, mais o outro amo, que voltou de Élis.
- HEGIÃO - (indo abraçá-lo) Eu o saúdo, meu filho saudos.
- YÍNDARO - (repelindo-o) Mem? Que filho? Ah! já sei por -  
que finge ser meu pai e eu seu filho. É porque,  
como os pais, o senhor me está dando ocasião de  
ver a luz.
- FILÓCRATES - Salve, Yíndaro.
- YÍNDARO - Salve o senhor, por quem estou sofrendo estes -  
maus bocados.
- FILÓCRATES - Mas agora vou fazer que passe à liberdade com -  
riqueza, pois este senhor é seu pai; o servo -  
aqui presente raptou você daqui aos quatro anos  
e o vendeu a meu pai por seis minas. Este quan-  
do éramos pequenos, me deu você para meu servi-  
ço pessoal. Ele (sponta Estalagmo) nos revelou  
a verdade, pois o trouxemos de Élis para cá.
- YÍNDARO - É o filho deste senhor?
- FILÓCRATES - Seu irmão? Está lá dentro.
- YÍNDARO - O que está dizendo? Trouxe-lhe o filho priso -  
neiro.
- FILÓCRATES - Sim, rapito; ele está lá dentro.
- YÍNDARO - Por Pólux! O senhor procedeu com o mais absolu-  
ta correção.
- FILÓCRATES - Agora, aqui está seu pai. Esse, o ladrão que -  
roubou e levou você daqui pequenino.
- YÍNDARO - E eu, grande, velho, levá-lo-ei ao carrasco por  
causa do roubo.
- FILÓCRATES - É o que ele merece.
- YÍNDARO - Portanto, eu lhe darei a paga merecida. Mas o -  
sr., diga-me, por favor, é meu pai?
- HEGIÃO - Sim, sou, meu filho.
- YÍNDARO - Agora, enfim, ao refletir comigo, vem-me à memó-  
ria... Agora, caramba, recordo-me afinal, como  
através de um nevoeiro, de ter ouvido que meu -  
pai se chamava Hégião!
- HEGIÃO - Esse sou eu. (abraça-o)
- FILÓCRATES - Eu peço que soltem seu filho desses grilhões e  
carreguem deles esse escravo (indica Estalagmo)
- HEGIÃO - Estou resolvida começar por si. Entremos; manda-  
remos chamar um ferreiro que lhe tire essas pe-  
lias e as dê a este outro.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 845  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

